

# **O Belo Autônomo**

Textos clássicos de estética

2ª edição revista e ampliada

1ª edição publicada pela Editora UFMG

Organizador : Rodrigo Duarte

**autêntica FILOestética**

# Estética<sup>11</sup>

## Alexander Gottlieb Baumgarten (1714–1762)

Tradução

*Míriam Sutter Medeiros*

O que é Estética afinal ? “A Estética (como teoria das artes liberais, como gnoseologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do *análogon* da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo”. Inaugurando o sentido moderno da palavra Estética, o texto de Baumgarten (1714–1762) de 1750 pretende determinar qual é o seu objeto, enquanto ciência do conhecimento sensitivo, bem como diferenciá-la de outras definições. O autor ainda avança no sentido de descrever os efeitos da arte sobre a sensibilidade para a apreensão do belo.

**Temas :** metafísica, crítica, epistemologia.

<sup>11</sup>\* BAUMGARTEN, A. G. “A estética”. In : *Estética. A lógica da arte e do poema*. Petrópolis : Editora Vozes, 1993, p. 105-120. Agradecemos à Editora Vozes por autorizar a utilização do texto.

# Prolegômenos

## § 1

A Estética (como teoria das artes liberais, como gnoseologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do *análogon* da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo.

## § 2

O grau natural das faculdades cognoscitivas, desenvolvido apenas na prática e aquém da cultura disciplinar, pode ser denominado de estética natural. Esta pode ser dividida, segundo a lógica natural, em inata – o belo talento inato – e em adquirida. Esta última, por sua vez, pode ser dividida em adquirida através do ensino e em adquirida através da prática.

## § 3

Entre outras possibilidades, a aplicação da estética artística (§ 1), que se volta para o natural, tornar-se-á maior se : 1) preparar, sobretudo pela percepção, um material conveniente às ciências do conhecimento ; 2) adaptar cientificamente os conhecimentos à capacidade de compreensão de qualquer pessoa ; 3) estender a aprimoração do conhecimento além ainda dos limites daquilo que conhecemos distintamente ; 4) fornecer os princípios adequados para todos os estudos contemplativos espirituais e para as artes liberais ; 5) na vida comum, superar a todos na meditação sobre as coisas, ainda que as demais hipóteses sejam semelhantes.

## § 4

A partir disso, destacam-se algumas aplicações especiais, a saber : 1) a filológica ; 2) a hermenêutica ; 3) a exegética ; 4) a retórica ; 5) a homilítica ; 6) a poética ; 7) a musical, etc.

## § 5

Algumas objeções poderiam ser levantadas à nova ciência (§ 1) : 1) ela se apresenta demasiadamente ampla para que possa ser exaurida em um único e pequeno tratado e em uma única preleção. Minha resposta : admito essa crítica, mas é preferível alguma coisa a nada. 2) Ela é idêntica à Retórica e à Poética. Resp. : a) é mais abrangente ; b) abarca o que essas duas disciplinas têm de comum entre si e o que têm de comum com as outras artes. Por intermédio dessas, neste livro e em seu devido lugar, sem tautologias inúteis, qualquer arte ocupar-se-á de seu campo com extremo êxito. 3) Ela é idêntica à crítica. Resp. : a) também existe a crítica lógica ; b) um determinado tipo de crítica faz parte da Estética ; c) para essa determinada parte da Estética é quase indispensável uma prenoção das demais Estéticas, a não ser que se queira discutir acerca de meros gostos no julgamento dos belos pensamentos, dos belos enunciados e dos belos escritos.

## § 6

Outras objeções poderiam ser feitas à nossa ciência, a saber : 4) as percepções sensitivas, o imaginário, as fábulas, as perturbações das paixões, etc. são indignas do filósofo e situam-se abaixo do seu horizonte. Resp. : a) o filósofo é um homem entre os homens e não julga bem se considerar tão extensa parte do pensamento humano alheio a ele ; b) a teoria geral dos belos pensamentos confunde-se com a prática e com a realização particular.

## § 7

Objeção 5. A confusão é a mãe do erro. Resp. : a) mas é a condição “*sine qua non*”, para se descobrir a verdade, quando a natureza não efetua o salto das trevas para a luz. Da noite, através dos dedos róseos da aurora, chega-se ao meio-dia ; b) por essa razão, devemos nos ocupar da confusão, a fim de que dela não provenham erros, como os tantos que ocorrem – e por que preço – entre os negligentes ; c) não se recomenda a confusão, mas corrige-se a ação de conhecer, à medida que um resquício de confusão necessariamente intervier nela.

## § 8

Objeção 6. O conhecimento distinto é superior ao conhecimento confuso. Resp. : a) isso é válido para o pensamento finito apenas nas questões mais graves ; b) a posição de um não exclui o outro ; c) por essa razão, segundo as regras básicas distintamente conhecidas dos pensamentos, devemos ordenar os conhecimentos que se voltam primeiramente para o belo. Destes surge, no futuro, uma distinção mais perfeita (§ 3,7).

### § 9

Objeção 7. Pelo culto do *análogon* da razão, deve-se temer que o território do conhecimento firme e racional venha a ser prejudicado. Resp. : Esse argumento é mais pertinente aos que nos aprovam ; pois, todas as vezes que se busca a perfeição composta, é esse mesmo perigo que induz à precaução e não recomenda a negligência da verdadeira perfeição do pensamento ; b) quanto mais corrupto e não cultivado for o uso do *análogon* da razão tanto mais ele prejudicará a severa razão lógica.

### § 10

Objeção 8. A Estética é uma arte e não uma ciência. Resp. : a) a arte e a ciência não são maneiras de ser opostas. Quantas artes, que outrora eram apenas artes, agora são também ciências ? A experiência provará que nossa arte pode ser demonstrada. É evidente “*a priori*” que a nossa arte merece ser elevada à categoria de ciência porque a psicologia e outras ciências fornecem certos princípios e porque as aplicações, mencionadas nos § 3, 4 e outros, o demonstram.

### § 11

Objeção 9. Como os poetas, os estetas não se tornam estetas, eles nascem estetas. Resp. : HOR. Ars poet., 408 ; CIC. De or. 2,6 ; BILFINGER. Dilucid., § 268 ; BREITINGER. Von den Gleichnissen, p. 6 : uma teoria mais completa, mais recomendada pela autoridade da razão, mais exata, menos confusa, mais fixa e menos inquietante só ajuda aquele que já nasceu um esteta (§ 3).

### § 12

Objeção 10. As faculdades inferiores, a sensualidade antes devem ser debeladas do que estudadas e afirmadas. Resp. : a) pede-se o comando e não a tirania para as faculdades inferiores ; b) para tanto, à medida que isso pode ser conseguido naturalmente, a Estética nos conduzirá, por assim dizer, pela mão ; c) os estetas não devem estimular ou afirmar as faculdades inferiores, à medida que forem corrompidas, mas devem controlá-las para que não sejam ainda mais corrompidas por exercícios desfavoráveis ou para que o uso do talento concedido por Deus não seja tolhido sob cômodo pretexto de evitar um mau uso.

### § 13

Nossa Estética (§ 1), assim como a Lógica, nossa irmã mais velha, divide-se em : I) ESTÉTICA TEÓRICA, que ensina e prescreve as regras gerais (Parte I) : 1) sobre as coisas e sobre os pensamentos ; cap. I, HEURÍSTICA ; 2) sobre a ordenação lúcida : cap. II, METODOLÓGICA ; 3) sobre os signos do pensar e do ordenar de modo belo : cap. III, SEMIÓTICA ; II) ESTÉTICA PRÁTICA, que trata do emprego em casos especiais (Parte II). Para ambas – a teórica e prática – vale o seguinte :

Quem escolher um assunto segundo suas forças, a este não faltará eloquência nem ordenação lúcida (HOR. Ep. ad Pis., 40).

Logo, o assunto deve ser o teu primeiro cuidado ; a ordenação lúcida, o segundo ; e, em terceiro e último lugar, cuida dos signos.

# **Parte I : Estética Teórica**

## **Capítulo I : Heurística**

### **Seção 1 : A beleza do conhecimento**

#### *§ 14*

O fim visado pela Estética é a perfeição do conhecimento sensitivo como tal (§ 1). Essa perfeição, todavia, é a beleza (Metafísica, § 521, 662). A imperfeição do conhecimento sensitivo (§ 1) é o disforme (Metafísica, § 521, 662), e como tal deve ser evitada.

#### *§ 15*

O esteta, enquanto esteta, não se ocupa das perfeições do conhecimento sensitivo, tão recônditas que nos permanecem totalmente obscuras ou que apenas podem ser intuídas pelo pensamento (§ 14).

#### *§ 16*

O esteta, enquanto esteta, não se ocupa das imperfeições do conhecimento sensitivo, tão recônditas que nos permanecem inteiramente obscuras ou que apenas podem ser desvendadas pelo julgamento do intelecto (§ 14).

#### *§ 17*

Tomado a partir de sua melhor denominação, o conhecimento sensitivo é o complexo de representações que subsistem abaixo da distinção. De sua manifestação, se quisermos considerar com o intelecto só a beleza e a elegância ou, simultaneamente, só o disforme – como um espectador de

gosto refinado às vezes o intuirá – a distinção necessária à ciência sucumbiria, aniquilada pela fadiga, face ao volume de belezas ou desfigurações genéricas bem como específicas que se apresentam em suas diferentes classes (§ 1). Devido a isso, examinaremos primeiramente a beleza universal e geral, à medida que é comum a quase todo conhecimento sensitivo belo e, em seguida, a conformidade com o seu oposto (§ 14).

### § 18

Enquanto ainda nos abstraímos da sua ordem e dos seus signos, a beleza universal do conhecimento sensitivo (§ 14) será : 1) o consenso dos pensamentos entre si em direção à unidade : consenso este que se manifesta (§ 14 ; Met., § 662) como a BELEZA DAS COISAS E DOS PENSAMENTOS, que deve ser distinguida, por um lado, da beleza do conhecimento, da qual é a primeira e principal parte (§ 13), e, por outro, da beleza dos objetos e da matéria, com que é errônea e frequentemente confundida, devido ao significado genérico da palavra “coisa”. As coisas feias, enquanto tais, podem ser concebidas de modo belo ; e as mais belas, de modo feio.

### § 19

Já que não existe perfeição sem ordem (Met., § 95), a beleza universal do conhecimento sensitivo (§ 14) é : 2) o consenso da ordem, em que meditamos as coisas pensadas de modo belo e, à medida que esse consenso se manifesta (§ 14), é também o consenso interno à própria ordem e o consenso da ordem com as coisas. Referimo-nos, portanto, à BELEZA DA ORDEM e da disposição.

### § 20

Uma vez que não percebemos as coisas designadas sem os signos (Met., § 619), a beleza universal do conhecimento sensitivo é (§ 14) : 3) o consenso interno dos signos e o consenso dos signos com a ordem e com as coisas, à medida que este se manifesta. A beleza universal do conhecimento sensitivo é a beleza das enunciações, tais como a dicção e o estilo, quando o signo é o discurso ou o diálogo, e, simultaneamente, a ação do orador, isto é, seus gestos, suas atitudes, etc., quando o discurso é proferido à viva voz. Temos, então, as três prerrogativas gerais do conhecimento (§ 18, § 19).

### § 21

As desfigurações, os defeitos, as máculas do conhecimento sensitivo, que devem ser evitados nos pensamentos e nas coisas (§ 18), ou na união de mais pensamentos (§ 19) ou na enunciação (§ 20), podem ser precisamente tantos quantos enumeramos por ordem no § 13.

### § 22

À medida que a riqueza, a magnitude, a verdade, a clareza, a certeza e a vida do conhecimento se harmonizarem entre si em uma noção – por exemplo, a riqueza e a magnitude com a clareza ; a verdade e a clareza com a certeza ; todas as outras com a vida – e à medida que as diversas outras marcas distintivas do conhecimento (§ 18 – § 20) se harmonizarem com as mesmas, elas produzem a perfeição de todo conhecimento (Met., § 69, § 94), gerando a beleza (§ 14) universal dos fenômenos sensitivos (§ 17), principalmente das coisas e dos pensamentos (§ 18), nos quais nos agrada a riqueza, a nobreza, a segura luz da verdade em movimento.

### § 23

A brevidade, a vulgaridade, a falsidade (Met., § 551), a obscuridade impenetrável, a hesitação dúbia (Met., § 531), a inércia (Met., § 669) são todas imperfeições do conhecimento (Met., § 94) e, em geral (§ 14), deformam o conhecimento sensitivo (§ 17), como principais defeitos dos conhecimentos e das coisas (§ 21).

### § 24

A beleza do conhecimento sensitivo (§ 14) e a própria elegância das coisas (§ 18) são perfeições, além de combinadas (§ 18-20, § 22), universais (§ 17 ; Met., § 96). Isso evidencia-se ainda do fato de nenhuma perfeição isolada manifestar-se a nós como fenômeno (Met., § 444). De um lado, admitem-se certamente muitas exceções, que não devem ser consideradas como defeitos, contanto que se manifestem como fenômeno e sobretudo que não destruam sua harmonia ; por outro, que sejam o mais possível insignificantes e imperceptíveis (Met., § 445).

### § 25

Se falarmos de ELEGÂNCIA, a beleza fundamenta-se nas colocações acima. As EXCEÇÕES, que descrevemos no § 24, não serão deselegantes (Met. I, § 446), quando, por exemplo, uma regra de beleza menos eficaz cede lugar a uma mais eficaz ; uma menos fecunda, a uma mais fecunda ; uma mais próxima cede lugar a uma mais afastada, à qual estará subordinada. A partir daí, no estabelecimento das regras da beleza no ato de conhecer deve-se estar igualmente bem atento à força dessas regras (Met., § 180).

### § 26

Na medida em que uma percepção é uma causa determinante, ela é um argumento. Existem, portanto, argumentos que locupletam, argumentos que enobrecem, argumentos que louvam, que explicam, argumentos que persuadem, argumentos que dão vida e movimento (§ 22), dos quais a Estética não só exige a força e a eficácia (Met., § 515), mas também a elegância (§ 25). A parte do conhecimento em que uma elegância peculiar se revela é a FIGURA de retórica [esquema]. Existem, portanto, figuras 1) dos objetos e dos pensamentos (§ 18), as SENTENÇAS ; 2) figuras da ordem (§ 19) ; 3) figuras da significação, a que pertencem as figuras de linguagem (§ 20). Existem tantos tipos de figuras quantos são os tipos de sentenças e os tipos de argumentos.

### § 27

Já que a beleza do conhecimento (§ 14), como efeito do pensar de modo belo, não é maior nem mais enobrecedora que as forças vivas (Met., § 331, 332), delinearemos de certo modo, antes de tudo, a gênese e a forma original daquele que tem a intenção de pensar de modo belo, ou seja, o caráter do esteta que possui talento. Procederemos à enumeração das causas que na alma estão naturalmente mais próximas da causa do conhecimento belo. Devido às razões mencionadas no § 17, deter-nos-emos agora no caráter geral e universal que os belos pensamentos requerem, não nos aprofundando em algum caráter especial, complemento do geral, e que se destina à realização de uma determinada espécie do belo conhecimento.

## Seção II : A Estética natural

### § 28

Do caráter geral do esteta bem-sucedido – supondo-se os traços mais gerais (§ 27) – exige-se : I) a estética natural inata (§ 2) (a *Physis*, a natureza, a boa aptidão, o cunho arquetípico do nascimento), que vem a ser a disposição natural e inata da alma para pensar de modo belo.

### § 29

À natureza do esteta, sobre a qual discorreremos no § 28, deve pertencer : 1) um refinado e elegante talento (*ingenium*) inato, um talento inato em sentido mais amplo, cujas faculdades inferiores sejam mais facilmente excitadas e se harmonizem, numa proporção adequada, em função da elegância do conhecimento.

### § 30

Ao talento refinado, mencionado no § 29, devem pertencer : A) as faculdades cognitivas inferiores e suas disposições naturais de : a) agudamente perceber pelos sentidos (Met., § 540), não só para que a alma adquira a matéria-prima do pensar belamente com os sentidos externos, mas também para que possa experimentar e vir a dirigir as mudanças e os efeitos das suas outras faculdades com o sentido interno e com a profunda consciência (Met., § 535). Para que a faculdade de perceber pelos sentidos um dia se harmonize com as demais, ela deverá ser, no talento elegante, de tal porte que não venha, sempre e em toda a parte, a oprimir os pensamentos heterogêneos, sejam quais forem, com qualquer de suas sensações os pensamentos heterogêneos, sejam quais forem (§ 29).

### § 31

b) a aptidão natural para fantasiar (§30), que possibilite ao talento refinado ser rico de imaginação, uma vez que 1) frequentemente os eventos passados devem ser concebidos de modo belo ; 2) os fatos presentes às vezes sobrepujam os passados antes que a bela concepção deles se complete ; 3) não apenas dos acontecimentos presentes, mas também dos passados são deduzidos os acontecimentos futuros. Para que a imaginação

algum dia se harmonize com as demais faculdades, ela deve ser tanta no talento refinado que não obscureça, sempre e em toda parte, com suas fantasias, as demais percepções, cada uma delas por natureza mais fraca que cada uma das fantasias (§29). Se à fantasia for atribuída a faculdade de fingir, como frequentemente o faziam os antigos, existe a dupla necessidade de ela ser maior no talento refinado.

### § 32

c) a aptidão natural para a perspicácia (§ 30, Met., § 573), pela qual, através do sentido e da fantasia, etc. (§ 30, 31), todas as coisas devem ser sugeridas, bem como lapidadas pela sutileza do espírito e pelo talento. Tanto a beleza do conhecimento – à medida que ela reclama harmonias manifestas e não admite desarmonias manifestas – quanto, em sentido mais amplo, a própria bela harmonia do talento devem ser atingidas através dessas faculdades (§ 29, M., § 572). Visto que a sutileza de espírito não raro se esconde sob o nome de talento, todo conhecimento belo às vezes é imputado ao talento. Todavia, para que algum dia a perspicácia se harmonize bem com as demais faculdades do espírito, ela deve ser tanta que só atue sobre uma matéria que já lhe tenha sido suficientemente preparada (§ 29).

### § 33

d) a aptidão natural para reconhecer e a memória (Met., 579). Mnemósima era chamada a mãe das musas pelos antigos, que também atribuíam à memória a capacidade de reproduzir algo imaginado (§ 31). Todavia, aquele que, por exemplo, vai narrar de modo belo, não pode se abster da própria faculdade de reconhecer e, sobretudo, convém que, ao inventar uma história, tenha uma boa memória, a fim de evitar uma contradição entre o que antecede e o que segue.

### § 34

e) a aptidão poética (Met., § 589), exigida em tal monta, que granjeou à classe mais eminente dos estetas práticos o nome de poetas. Um psicólogo que pondere com cuidado não há de se admirar de quão importante parte da bela meditação deve ser produzida pela combinação e disjunção das representações imaginárias. No entanto, para que essa faculdade se

harmonize com as demais, ela deve ter seu campo de ação delimitado de modo que não possa subtrair o mundo, como se ele (o mundo) tivesse sido criado por ela, dos arremates (§ 29) das demais faculdades, por exemplo, da perspicácia (§ 31).

### § 35

f) a aptidão para o gosto fino e apurado (M., § 608) e não para o vulgar. O gosto fino e apurado, juntamente com a perspicácia, será o juiz inferior (M., § 607) das percepções sensíveis, das representações imaginárias, das criações, etc., sempre que for supérfluo (§ 15), no que concerne à beleza, submeter cada detalhe ao julgamento do intelecto (M., § 641).

### § 36

g) a disposição de prever (M., § 595) e de pressentir (M., § 610) o futuro. Os antigos, que observavam essa aptidão se manifestar de forma extraordinária não em muitos, mas nos talentos mais belos, atribuíam-na aos deuses como prodígio e, por vezes, como milagre. A partir daí, os poetas também foram considerados vates. Essa aptidão, contudo, não disponível em qualquer um de modo passageiro, não deve ser buscada junto a não sei que oráculos estéticos, uma vez que, como beleza primária, é necessária a toda vida do conhecimento (§ 22, M., § 665). No entanto, para que essa faculdade, bem como a aptidão divinatória, possa estar em harmonia com as demais (§ 29, M., § 616), ela deve ser de tal monta que não ceda seu lugar assim como seu tempo à sensação e muito menos à imaginação heterogênea (§ 30, 31).

### § 37

h) a aptidão para expressar suas percepções (M., § 619), que é mais necessária ou menos necessária, segundo se queira prestar atenção nas características do esteta que apenas pensa belamente no âmago da sua alma, ou então, nas características do esteta que enuncia de modo belo os seus pensamentos. Essa aptidão, todavia, não pode estar completamente ausente no primeiro caso (§ 20). Para que ela se harmonize com as demais faculdades, seu campo de ação não deve se expandir a ponto de suprimir a intuição, que é necessária à beleza (§ 35 ; M., § 620).

### § 38

Devem pertencer ao talento refinado e gracioso, sobre o qual discorreremos no parágrafo 29 : B) as faculdades cognitivas superiores (M., § 624) à medida que a) o intelecto e razão, através do comando da alma sobre si mesma, não raro muito contribuem para estimular as faculdades cognitivas inferiores (M., § 730) ; b) o consenso dessas faculdades e a harmonia adequada à beleza frequentemente não serão obtidas a não ser pelo uso da razão e do intelecto (§ 29) ; c) a beleza do intelecto (M., § 637) e da razão é para o espírito o conseqüente natural da grande vivacidade do análogo da razão, ou seja, é a coesão do conhecimento extensivamente distinto.

### § 39

O talento refinado e gracioso é naturalmente tão bem ordenado, que sempre lhe é possível conceber algum estado fictício, como por exemplo um estado futuro, e este não somente a partir dos estados que vivenciou no passado, e que a memória pode reproduzir, mas também lhe é possível, a partir das próprias sensações externas, graças ao poder de abstração, considerar esse estado futuro, seja ele bom ou mau, com toda a perspicácia e, sob o comando do intelecto e da razão (§ 30-38), torná-lo visível através de signos adequados.

### § 40

Ou foi por gracejo ou por um grave erro que Demócrito excluiu os poetas de juízo perfeito do Helicão ; mas é ainda mais estúpido, como o faz uma boa parte da humanidade, esperar obter como recompensa o título de homem com graça de estilo, sem que jamais tenha confiado a cabeça, que as três Antícaras não conseguiram curar, ao barbeiro Licino (Hor. Espírito. II, 3, 300).

### § 41

As faculdades inferiores mais importantes, e as que são tais por natureza, são exigidas naquele que tem a intenção de pensar de modo belo (§ 29). Elas de fato podem coexistir com as superioridades, que por natureza são mais importantes (M., § 649), mas sobretudo são indispensáveis a estas como condição *sine qua non* (M., § 647). A partir daí

advém a opinião preconcebida de que a beleza do talento é por natureza incompatível com os dotes mais austeros da inteligência e do raciocínio, na medida em que são inatos por natureza.

#### § 42

Pode existir um talento belo que infelizmente negligenciou o uso do intelecto e da razão ; pode existir também um talento filosófico e matemático não suficientemente instruído pelos ornamentos do análogo da razão. Ou então pode existir um talento medianamente gracioso, mas, pela própria natureza, inepto para as ciências mais exatas. Mas não pode existir um talento que, tendo nascido para compreender essas ciências, seja incapaz de dotar o conhecimento de alguma graça (Met., § 649, § 247).

#### § 43

Os talentos mais eminentes e universais de todos os tempos – Orfeu e os estatores de filosofia poética ; Sócrates, chamado o Irônico ; Platão, Aristóteles, Grotius, Descartes, Leibniz – ensinam *a posteriori* que a aptidão para pensar de modo belo e a aptidão para pensar de modo lógico se ajustam bem e podem coexistir em um único espaço, não demasiadamente estreito ; o mesmo vale também para a disciplina mais rigorosa dos filósofos e dos matemáticos.

#### § 44

Do esteta nato (§ 29) requer-se : 2) uma índole mais propensa a seguir o conhecimento digno e sugestivo e a harmonia das faculdades apetitivas, que facilita o caminho para alcançar o conhecimento belo. Referimo-nos ao TEMPERAMENTO ESTÉTICO INATO (Met., § 732).

#### § 45

Como todo homem é atraído por bens de todo tipo que, uma vez conhecidos, lhe despertam desejos (Met., § 665), mencionaremos, como convém ao esteta (§ 15), alguns deles, segundo a ordem de importância : o dinheiro ; o poder ; o trabalho e seu termo de comparação, o lazer ; as delícias externas ; a liberdade ; a honra ; a amizade ; o vigor e a firme saúde do corpo ; as sombras da virtude ; o belo conhecimento e seu corolário que é amável virtude ; o conhecimento superior e seu corolário de virtude que

deve ser venerada. Será, portanto, lícito atribuir aos temperamentos estéticos alguma GRANDEZA D'ALMA INATA, que se manifesta principalmente na atração instintiva pelas grandes coisas, notadamente entre os que atentam nelas a passagem que os conduzirá facilmente para as coisas supremas (§ 38, § 41).

#### § 46

Segundo a doutrina habitual dos temperamentos, o temperamento melancólico costuma ser recomendado àqueles que não distinguem nitidamente as meditações belas mais prolixas das mais breves, que devem receber rapidamente sua forma definitiva. O temperamento sanguíneo, como é chamado, será mais apto a produzir as últimas, o melancólico, as primeiras. Uma vez que o temperamento colérico tem a preferência dos que a glória arrastou para o palco em seu carro rápido como o vento (HOR. Ep., II, 1, 177), que a mesma glória dê as forças aos que empreendem uma grande obra.

#### § 47

Do caráter do esteta bem-sucedido exige-se : II) a ascese (exercício prático) e o EXERCÍCIO ESTÉTICO, que consiste na repetição mais frequente de ações homogêneas, no intuito de que haja um certo consenso entre o talento e a índole, descritos aos parágrafos 28-46. Esse consenso deve se realizar sobre um tema dado, ou principalmente – para que ninguém possa pensar que por tema dado entendemos o mesmo que um Orbílio entende – sobre um só pensamento, sobre um só assunto. O exercício deve, portanto, permitir a gradual aquisição do hábito de pensar com beleza (Met., § 577).

#### § 48

A natureza estética, da qual tratamos na seção II, não pode se manter, mesmo por um breve período de tempo, num mesmo grau de perfeição (Met., § 550). Se suas disposições ou aptidões não forem aperfeiçoadas por exercícios contínuos ; ela decresce um tanto (§ 47), por mais elevada que tenha sido no início, e acaba por entorpecer (Met., § 650). Não recomendo, porém, apenas os exercícios das faculdades mencionadas na Seção II, mas também os estéticos (§ 47). Há exercícios que corrompem e deturpam a

natureza suficientemente bela ; eles devem ser evitados. Sua manifestação (§ 16) junto a talentos ativos não pode ser evitada de modo mais feliz a não ser pela substituição recomendável de exercícios melhores (Met., § 698).

#### § 49

Também exijo um certo consenso nos próprios exercícios estéticos e, na verdade, em todos (§ 47). Sem esse consenso os efeitos da natureza bela não existem e, portanto, não aumentarão sua força (47 Met., § 139). Mas exijo apenas um certo consenso : os exercícios militares não exigem tantos soldados quanto exige uma batalha. Admito, como esteta, alguns exercícios, que têm o efeito secundário de corromper ligeiramente a natureza suficientemente bela (§ 16). Admito também alguns exercícios que deturpam levemente (§ 48), contanto que promovam muito mais a harmonia que a desarmonia e contanto que esses exercícios sejam os que denominamos exercícios estéticos (§ 47). Destes, contudo, admito exercícios em que a deformidade é maior que a beleza, com a condição de que os acompanhe a consciência (§ 35) de preponderância desta deformidade, de forma que, através dela, se hoje se verificam males, amanhã não ocorrerá o mesmo (HOR. Carm., II, 10, 17 ; M., 666).

#### § 50

Nos exercícios estéticos postulo um certo consenso não apenas de talento com ele mesmo, mas também o consenso do talento com a sua índole, sobre os quais tratamos na Seção II, § 49. Se o talento for cultivado por meio de exercícios sem vida e sem força, a índole será totalmente negligenciada ou totalmente corrompida e degradada, a ponto de, por exemplo, submergir sob o domínio de desejos e de paixões tirânicas, como a hipocrisia, o gosto feroz da luta atlética, as companhias perdulárias, as ambições, a licenciosidade, as orgias, a ociosidade, o interesse exclusivo por bens materiais ou simplesmente pelo dinheiro (§ 46). Então, quando a pobreza e a vulgaridade do espírito transparecer, ela deturpará tudo aquilo que parecia pensado com graça e elegância (§ 48).

#### § 51

A índole, como poderá parecer, será preservada em seu estado natural ou será elevada (supondo-se que isso possa acontecer de modo diferente por

outros meios) pelo talento (Met., § 732), abordado na Seção II. Se esse talento for abandonado em seu estado rude (Et., 403), talvez as sombras das virtudes, que mencionei no parágrafo 45, se originem dele, mas também, por um lado, em toda parte transparecerá a rudeza do talento, que deturpará (§ 48) os movimentos d'alma – ditos bons – de um, como se costuma dizer, bom coração ; e, por outro lado, a alma, que às vezes sente aversão pelo conhecimento belo ou não tem suficiente inclinação para o mesmo, permitirá, não involuntariamente, que o talento, sob estes maus presságios, se enfraqueça ao ponto do não-retorno, a partir do qual nunca poderá novamente ser levado a pensar algo de modo belo (§ 27).

### § 52

Os exercícios estéticos serão 1) improvisações executadas sem o direcionamento da arte erudita, através das quais aquele que deve ser exercitado possa adquirir mestria. A essa categoria pertence aquele grosseiro verso satúrnio, com que o velho camponês dos tempos ancestrais se revigorava e aliviava o coração nos dias de festa :

*espalhou os opróbrios campestres em versos alternados*  
(HOR. Ep., II, 1, 146).

A essa categoria pertencem também todas as imagens do belo conhecimento, criadas pelo homem antes do advento das artes eruditas ; a ela pertencem ainda as primeiras centelhas de um dom mais belo que precedem qualquer arte. Assim como Ovídio, por exemplo, relata :

*Tudo que ele tentar dizer será um verso* (OVID. Trist., IV, 10, 26).

### § 53

Em assuntos estéticos, também devemos ter especial cuidado de não considerar iguais o talento rude e o talento inculto. Seguramente o talento de Homero, de Píndaro e de outros não foi rude nem inculto, nem grosseiro (HOR. Ep., I, 3, 22).

Suas obras, todavia, os primeiro modelos (arquétipos) das artes eruditas, foram melhores que as suas reproduções (éctipos). Uma pessoa inculta

também pode possuir um talento estético sobremodo esmerado, assim como uma pessoa que possui erudição pode possuir um talento bastante rude no que concerne à beleza.

#### § 54

Do mesmo modo que a música – como afirmou Leibniz – é um exercício aritmético inconsciente da alma daquele que não aprendeu a contar, assim também a criança, que ainda quase não tem consciência de que ela pensa e, sobretudo, de que pensa de modo belo, é exercitada pela expectativa de casos semelhantes, bem como, pelo primeiro impulso inato da imitação. O resultado será positivo se, graças a um acaso feliz, a criança a educar cair nas mãos de um artista que dê forma à delicada gagueira infantil (§ 37), um artista que, desde a primeira infância, desvia o seu ouvido das expressões obscenas e, em seguida, também modela seu espírito com preceitos amigos... relata feitos sábios, prepara as gerações futuras com exemplos conhecidos (HOR. Ep., II, 1, 126).

#### § 55

Além disso, o belo talento inato também é exercitado – e evidentemente já se exercita a si próprio, embora não saiba o que esteja fazendo – quando a criança conversa ; quando brinca, principalmente se ela inventa as brincadeiras ou é uma pequena líder entre as companheiras e, com estas, intensamente atenta, transpira, fala e se ocupa com tudo que há por fazer. E também é um exercício salutar para ela ver, ouvir e ler assuntos que poderá entender de modo belo desde que essas atividades estejam submetidas às regras indicadas nos parágrafos 49 a 51, que lhe garantam o estatuto de exercícios estéticos (§ 47).

#### § 56

Também nós, os adultos, não raro somos enganados, quando, ao ler ou ouvir coisas ditas ou escritas de modo belo, as reconhecemos como belas. Nós as reconhecemos como belas e observamos a sua beleza e gostamos. Chegamos mesmo a aclamar em silêncio um autor : bravo !, perfeito !, muito bem ! Todavia, não estamos com o espírito suficientemente preparado para pensar simultaneamente com ele de modo belo. Parece mais eficaz e, portanto, é recomendável um exercício estético que manuseie dia e

noite os melhores autores. A musa deu aos gregos (e aos franceses<sup>12</sup>) o talento ; deu aos gregos (e aos franceses) uma linguagem harmoniosa. Exceto a glória, nada cobizam os gregos (e os franceses) (HOR. Ep., II, 3, 269).

#### § 57

É evidente por si mesmo que exercícios mais eficazes proporcionam forças maiores, como o testemunham as improvisações heurísticas, as quais a alma, sem outro recurso que sua própria força, produz espontaneamente, quando já aprendeu ou já nasceu com a aptidão de “nadar sem cortiça” (HOR. Sat., I, 4, 124).

#### § 58

Os exercícios estéticos serão : 2) mais corretos e mais precisos, se à estética natural inata e adquirida – a senhora natureza – associar-se a estética erudita, sem a qual os talentos certamente belos, mas não divinos, hão de experimentar muitas vezes o caminho que conduz ao refinamento do conhecimento, que é tal como o caminho nas selvas, por entre a lua fugidia, sob uma luz maligna, quando Júpiter mergulhou o céu na sombra e a noite sombria subtraiu às coisas sua cor (VERG. En., VI, 270 sq.)

#### § 59

Todas as vezes que um esteta praticar os dois tipos de exercício (§ 52, 58), ele lutará com mais eficiência pela beleza do conhecimento e extrairá da prática não só o talento, mas também o caráter e o temperamento estético e estará se fortalecendo pelo hábito (§ 42), reforçando, desta forma, a grandeza inata do pensamento (§ 46, M., 247).

#### § 60

A ESTÉTICA DINÂMICA ou crítica, que tem por objeto a avaliação das forças de que dispõe um determinado homem para alcançar uma determinada beleza de um determinado conhecimento, não pode medir as forças inatas da natureza a não ser a partir dos efeitos, ou seja, dos exercícios estéticos (§ 27). Daí é justo concluir que tanto existem as improvisações, quanto existe o caráter de determinado homem ; portanto, também existe tanto da sua natureza inata que poderá atingir sua meta com

os exercícios precedentes (M., § 57). Não será igualmente justo concluir que as forças de um determinado homem, em seu estado atual, são insuficientes tanto para as improvisações, quanto para o caráter. Omite-se, portanto, a natureza inata, necessária para meditações desta espécie (M., § 60).

### § 61

O esteta dinâmico frequentemente terá necessidade de testes (ensaios) estéticos, escolhidos entre outros exercícios, com o intuito de experimentar se as forças, e quão grandes, de um determinado homem são suficientes para um determinado conhecimento belo (M., § 697). Então, se estes resultam positivos, a experiência é positiva e boa e as forças são consideradas suficientes (§ 60) ; se resultam menos positivas, nem sempre está em causa uma falta, muito menos vale a consequente conclusão – feita a partir da ausência de uma certa característica estética, que por acaso pode ser específica e é exigida para um determinado teste – de que haja a ausência geral do caráter estético, ou ainda, que haja a ausência de outras características específicas (§ 27). Os ensaios poéticos de Cícero, os ensaios épicos de Ovídio e os de Horácio não tiveram bom êxito.

[12](#) Acréscimo de Baumgarten aos versos de Horácio. (N. T.)